

Editora



Perdido no tempo



Yuri Macedo Bolis

9. Ano

Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil
Brasília, 26 de agosto de 2021
Yuri Macedo Bolis

Fest livro 2021

Sumário

Capítulo 1 - Perdido em casa 4

Capítulo 2 - Segunda Guerra Mundial 6

Capítulo 3 - Terra à vista 8

Capítulo 4 - 2077 10

Capítulo 5 - Em casa? 12

Perdido em casa.

Bem, como eu posso resumir esta história para vocês?

Tudo começou no ano de 2014. Meu nome é Josh e eu morava em uma pequena cidade no sul da Virgínia. Resumidamente, minha vida era muito chata e comum até o dia em que tudo mudou.

Eu acordei na manhã de terça-feira a caminho de uma chata e entediante aula de matemática. Porém, algo aconteceu, eu comecei a sentir o chão tremer e um calor infernal. As pessoas ao meu redor começaram a desaparecer, até que uma grande luz branca apareceu e eu apaguei.

Quando acordei, ainda estava meio tonto e sem saber onde estava. Porém, tentei procurar alguém para me ajudar. Comecei a gritar e a berrar pedindo por ajuda, mas ninguém ouviu, pelo visto. Não conseguia encontrar uma alma viva naquela cidade, todos haviam sumido! Tentei me acalmar e ligar para a minha avó, uma mulher doce e feliz com quem eu morava. Porém o telefone estava fora de área. Tentei então procurar por alguma delegacia para ver se não havia ninguém por ali, mas acabei encontrando um grande vazio...

Com os celulares e computadores fora de área, minha única alternativa foi procurar em jornais para saber se tinha alguma notícia sobre o que tinha acontecido.

Peguei minha bicicleta e fui rodando de banca em banca para saber o que estava acontecendo, até que achei uma aberta e comecei a folhear o jornal até encontrar uma notícia meio estranha: "Hoje, dia 19 de julho de 1977 foi nomeado o 39 dos Estado Unidos da América! James Earl Carter JR, assumiu hoje o poder principal na Casa Branca em uma longa e acirrada batalha política. Saiba mais na página 3".

Comecei a achar estranho tudo aquilo e comecei a passar mal. Tudo aquilo que estava passando na minha cabeça estava me deixando louco, decidi então achar um lugar para passar a noite...

Acabei indo para a casa onde eu e minha avó morávamos juntos, não estava com a chave, mas sabia que ela sempre escondia uma atrás de seu jarro de flor cor de rosa. Peguei a chave e entrei. A casa estava intacta. Porém havia algo de diferente, haviam fotos de uma linda e jovem moça espalhadas pela casa. Então, decidi procurar mais a fundo sobre a moça e o porquê dela estar em todos os retratos da casa. Procurei em todo canto da casa até chegar no quarto da vovó. Abro a porta de seu armário e me deparo com uma caixa de papelão escrita: coisas da Ana.

Como Ana era o nome da minha avó, decidi abrir. Porém, no momento em que eu abro a caixa um gato pula em meu rosto e começa a me arranhar. Essa era a Mary, nossa gatinha de pelo caramelo e olhos de esmeralda. Achei estranho não encontrar ninguém ali, apenas Mary. Deixei ela de lado e vi que havia outra coisa na caixa, uma espécie de diário. Quando abri o caderno de couro meio empoeirado, vi

a foto de uma jovem moça, a mesma que eu vi nos quadros da casa. Depois de ler, descobri que aquela mulher da foto, na verdade, era minha avó! Porém, estava 20,30 anos mais nova. Não conseguia imaginar como eu tinha achado aquilo e o porquê daquilo estar ali.

Quando saí da casa, não parei de reparar que a cidade estava diferente, estava antiga...Comecei a me sentir perdido e com medo, mas mesmo assim precisava me alimentar. Então, peguei minha bicicleta e parti para o mercado que havia ali perto de casa. Corri, pois estava com medo de aparecer algum bicho no caminho. Foi bem desgastante, mas no final acabei chegando lá bem rápido.

Peguei todos os itens que eu precisava e sai sem pagar um centavo sequer, confesso que peguei muitas besteiras, mas também peguei algumas comidas boas.... Quando acabei de comer, fui para a cama e acabei capotando de tanto pensar sobre o dia louco que eu tive, acabei acordando várias vezes durante a noite até finalmente pegar no sono.

Segunda Guerra Mundial.

Confesso que foi uma noite terrível. Não consegui dormir direito e estava me sentindo meio mal, mas nada perto do que eu ia sentir naquela manhã...

Quando acordei, me encontrei em um lugar totalmente diferente! Estava em uma espécie de trincheira no meio da 2ª Guerra Mundial. O ano era 1940 e estávamos no meio de um campo de batalha, vários tiros de canhão e granadas voando pelos ares, pessoas ao meu lado morrendo e sangrando e eu sem entender nada. Tentei falar com alguns soldados, porém nenhum deles entendia minha língua, até achar um soldado gravemente baleado que me disse:

— Ei garoto, preciso de sua ajuda. Entregue isso a minha mulher, o nome dela é Diana e estamos esperando uma filha linda. Por favor, encontre ela e diga que eu a amo.

Após isso, o homem me entrega um envelope e sua aliança para que eu levasse para sua mulher. Depois disso, o homem fecha os olhos e dá seu último suspiro dessa vida.... Peguei a carta e sai com uma tristeza e uma dor no peito pelo homem. Porém, não podia parar ali.

Corri pela minha vida até finalmente avistar um pequeno acampamento de soldados que estavam ali perto. Quando finalmente cheguei, fui recebido por um soldado baixo e forte. Seu nome era Nick, era o comandante do batalhão. Ele chega perto de mim e fala:

— O que houve, soldado? Está ferido? Se não estiver ferido, trate de voltar para o campo de batalha AGORA!!!

— Senhor, eu não sou daqui. Meu nome é Josh e sou da Virgínia nos Estados Unidos. Pode me informar onde estamos?

— Estados Unidos? Como assim? O que faz aqui no meio do campo de batalha Europeu?

— Senhor, eu não sou desta época. Eu acho que vim do futuro, pelo visto. Porém acho que estou preso aqui agora...

— Ele está louco. Prendam-no!!!

Depois disso, dois soldados de quase dois metros de altura correram atrás de mim. Por sorte, achei um carro que ainda estava ligado. Arranquei e sai de lá o mais rápido possível.

No meio da estrada, comecei a averiguar a carta daquele soldado e vi que era para ser entregue em um vilarejo perto de onde estava, aproximadamente uns

100km até lá. Enquanto olhava em volta da carta, escuto um barulho da parte de trás do carro. Quando me viro, me deparo com um soldado muito bêbado e risonho. Ele olha para mim e volta a dormir como se estivesse tudo normal, fiquei imaginando o porquê daquele homem magro e de barba falha estar ali em vez de estar no campo junto aos outros soldados, porém apenas segui caminho rumo ao vilarejo da esposa do soldado...

Chegando lá, me deparo com vários camponeses gentis e felizes. Como se não houvesse guerra a poucos quilômetros dali. Tentei falar com algumas pessoas para procurar o endereço, porém eles não falavam a minha língua. Fiquei a tarde toda procurando alguém que falasse inglês. Até que eu avisto de longe aquele soldado que estava no carro comigo, estava meio manco e com o cabelo bagunçado. Então ele se aproxima de mim e fala:

— Ei! Você não é aquele americano que estão falando? O que você faz aqui?

— Finalmente alguém que fale inglês. Estou procurando uma esposa de um soldado para entregar essa carta e avisar da morte dele.

Então fomos juntos até um bar que tinha vários homens bebendo e começamos a conversar. Depois de muita conversa e cerveja um homem baixo e barbudo nos levou até a casa da moça que agora era viúva...

A casa parecia viva, cheia de cor e felicidade. Entramos e passamos pelo belo jardim cheio de flores, entramos na varanda e tocamos o sino. De repente, uma linda moça de cabelos loiros e olhos azuis abre a porta e fica feliz em ver pessoas do batalhão de seu marido.

Não conseguia entender direito o que ela falava, porém o outro homem que estava comigo entendeu tudinho. Ela pediu para que entrássemos e ficássemos à vontade enquanto ela ia fazer um chá. Esperamos 5 ... 10... 15 minutos até ela voltar com o chá e alguns biscoitos que estavam deliciosos. Pedimos para que ela se sentasse pois íamos contar uma notícia forte, ela começou a ficar ofegante e seu coração acelerou. Então começamos a contar a triste notícia.

Quando acabamos de contar, não pude me segurar e acabei chorando junto a moça. Entreguei a carta a ela e, depois de muito tempo, saímos da casa. A moça estava muito abalada e mal conseguia se mexer, ficamos um tempo lá para poder ajudá-la nas coisas de casa e depois saímos para achar um lugar para ficar.

A cidade que de dia parecia feliz e animada, agora à noite parecia morte, era aterrorizante. Não havia uma luz naquela cidade. Então, ficamos no carro mesmo e tentamos descansar um pouco. Começamos a conversar e descobri que o nome do outro soldado era Sam. Ele era da França, mas tinha feito intercâmbio nos Estados Unidos, e por isso entendia a minha língua. Tentei contar para ele sobre o que estava acontecendo, ele começou a rir e então acabei adormecendo...

Terra à vista.

Acordei cedo no outro dia com muita febre e dor de cabeça. Percebi que estava em um lugar completamente diferente. Estava em uma caravela gigantesca no meio do oceano. Não conseguia saber onde estava exatamente, não sabia quem eram aqueles homens com roupa larga e perucas gigantes, apenas soube que aconteceu de novo. Eu viajei no tempo...

Me levantei e comecei a procurar alguém que falasse minha língua. Porém, todos ali falavam português. Tentei entender um pouco do que eles falavam e, pelo que eu entendi, estávamos em 1500!!! Eu tinha voltado 514 anos... Naquela hora, fiquei desesperado e precisei ficar sozinho, fui para a parte de baixo do barco.

Chegando lá, me deparo com vários homens, escravos que estavam sendo obrigados a remar como animais para o barco andar. Estavam magros, fedendo e muito cansados, mas não podiam parar pois levariam chicotadas. Depois de passar ali perto, cheguei em uma pequena sala para ficar sozinho.

Tempo vai, tempo vem e eu começo a escutar muitos gritos e tiros. Olhei pela pequena janela que havia ali e vi que tínhamos chegado em uma “ilha”. Estávamos no que seria o Brasil daqui a alguns anos, me lembro de ter visto isso na aula de história. Então fui para a parte de cima do barco e sai junto com os milhares de portugueses.

Quando começo a sair do fundo do barco, me deparo com várias lanças sendo arremessadas em minha direção. Deito no chão e ali fico por alguns segundos. Não sabia o que fazer, comecei a escutar vários tiros de armas de fogo e vários índios morrendo. Levantei a cabeça novamente para ver o que estava acontecendo e então vejo que haviam espantado os índios dali. Corri em direção a terra e fiquei junto a eles.

Começamos a montar nosso acampamento, pois iríamos passar um bom tempo ali naquele lugar misterioso. Enquanto íamos montar nossas cabanas, pude notar que os escravos haviam saído do barco. Estavam sendo levados a uma parte mais ao sul daquele território para fazerem suas próprias cabanas...

Quando a noite chegou, fizemos uma grande fogueira e cozinhamos vários javalis. Estava uma delícia, todos estavam bebendo e cantando muito para comemorar a nova descoberta. Quando estavam todos caídos no chão de tanto beber, comecei a ouvir algo estranho vindo da floresta. Me levantei e fui olhar o que era, peguei uma tocha e entrei mata a dentro...

Estava muito escuro e úmido lá dentro, estava frio e havia muitos bichos, o que dificultava a minha locomoção. Porém, começo a escutar alguns barulhos mais próximos. Eram vários passos, deviam ser umas 50 pessoas indo em direção a praia. Então, sorrateiramente fui atrás deles para ver onde isso iria dar.

Chegando próximo da praia, percebi que eram os escravos que estavam levando o barco mais cedo. Eles estavam planejando uma fuga, pelo que eu acabei ouvindo, eles iam pegar um dos barcos, pegar comida e partir antes que os

portugueses acordassem. Eles se separaram, como se tivessem planejado esse plano a meses, alguns foram pegar a comida enquanto outros preparavam o barco.

Fui de fininho para o barco enquanto ninguém estava vendo, entrei para a parte de baixo e fiquei naquela sala que ficava perto dos remos. Decidi ficar escondido lá até o barco seguir viagem...

Não passaram 5 minutos e estavam todos a bordo. O barco seguiu viagem e seus tripulantes agora livres. Decidi então começar a sair daquela sala fria e escura, fui caminhando lentamente para ir para o térreo do barco e finalmente pedir ajuda.

Abrindo a porta me deparo com vários homens olhando diretamente para mim e gritando:

— PORTUGUÊS!!!

Depois disso, apenas me lembro de levar um soco e apagar. Quando acordo, percebo que estou amarrado no poste que segura a vela do barco, enquanto ia recuperando os sentidos um homem me pergunta:

— Como o português chegou aqui?

— Não sou português, meu nome é Josh e estou perdido. Não sei como vim parar aqui e não sei como voltar para o ano de onde eu vim.

— Ano? Está de brincadeira com a minha cara? BOTEM ELE PARA DORMIR!!

Minha última visão foi de um homem gigante me esmurrar com um pedaço de pau no meio da testa e eu apagando...

2077.

Acordei meio tonto e sem saber onde estava. Meu nariz ainda estava doendo e minha cabeça explodindo. Estava em um hospital todo tecnológico, cheio de máquinas e tubos coloridos, não tinha a mínima idéia de onde estava...

Vejo alguém abrindo a porta e entrando no meu quarto, um homem com braços mecânicos e um jaleco branco olha pra mim e se assusta. Começa a gritar e a tocar uma sirene barulhenta, várias enfermeiras com partes robóticas entram no meu quarto e ficam me encarando rigorosamente. Os segundos pareciam não passar até que um homem que realmente era humano entra no meu quarto e pergunta:

— Sabe onde está? Sabe quem é você? Quantos dedos tem aqui?

Enquanto ele me examinava comecei a responder suas perguntas:

— Bem, meu nome é Josh e até onde eu sei isso parece um hospital...

— Senhor, sabe em que ano estamos?

— Claro! Estamos em 1500.

-Senhor, nós estamos em 2077. Parece que o senhor ficou em coma durante todos esses anos e não se lembra de absolutamente nada.

Naquele momento minhas batidas caíram, não conseguia respirar, estava tendo um ataque de pânico! As enfermeiras me acalmaram e me deram um aparelho para eu ver a internet e o mundo lá fora. O mundo estava acabado, as pessoas faziam tudo por dinheiro, o mundo estava em um apocalipse...

Os países estavam em guerra, as pessoas estavam se matando, o mundo era movido por assassinos. Robôs estavam se rebelando e a raça humana estava em caos. Porém, não era muito bem o que estava acontecendo naquele hospital, as pessoas estavam calmas e não havia nada de errado ali, estava tudo calmo e sereno...

Tirei todos aqueles medicamentos e fios de mim, saí em direção a porta principal do hospital para conhecer o novo "mundo" pelo qual estávamos passando. Quando saio do hospital me deparo com todo o caos que era dito na internet. O mundo estava destruído, pessoas mortas e prédios caídos. Não sabia o que fazer, estava com medo e queria voltar para casa.

Saí correndo para um hotel que havia ali perto para poder me abrigar pela noite sombria que estava chegando, passo por várias pessoas estranhas e acabo finalmente chegando ao hotel. Chegando lá eu sou recebido por um homem que era

praticamente robô, seus olhos eram engrenagens e apenas em sua cabeça havia carne, o resto de seu corpo era completamente tecnológico...

Chegando ao meu quarto percebi que cheirava a mofo e olho de carro. Porém, era a única coisa que podia pagar no momento. Me deito na cama e começo a chorar, a me perguntar o porquê daquilo acontecer comigo, queria voltar para casa...

Minha cabeça estava quase explodindo com tantas coisas novas. Não conseguia dormir direito, levantei várias vezes durante a noite até que decidi pegar água no corredor. Abro a porta e me deparo com dois robôs falando algo e me encarando profundamente, comecei a encher o meu copo até que eles começam a se aproximar, um deles tenta me acertar um soco até que eu crio uma reação e jogo um copo d'água em um deles, o outro robô me dá um soco e acabo caindo no chão. O robô pula em cima de mim e começa a me bater em meu rosto e pescoço até que ele leva uma paulada do além, o médico humano que havia me atendido no começo apareceu e me ajudou. Depois disso me levantei e fomos para o meu quarto, ele me ajudou com os machucados e começamos a conversar:

— Por que eles me atacaram?

— Não são muito bons com humanos.

— E por que não te atacaram? por que você é o único humano aqui? Estou perdido...

— Eu também não sei, talvez porque eu cuide deles ou sei lá o que.

— Preciso de ajuda. Não sei como vim parar aqui e nem onde estou. Só sei que vim de 2014 e já faz uns dias que eu estou “viajando no tempo”.

Ficamos calados por um instante e depois pegamos algumas coisas para dormir. Ele me contou algumas histórias e então comecei a me despedir pois sabia que na manhã seguinte não estaria mais ali. Então ele me dá uma espécie de uma pulseira, eram alguns barbantes com desenhos esquisitos. Peguei o presente e adormeci...

Em casa?

Acordei assustado, minha cabeça estava explodindo de dor e estava um pouco febril. Me levantei e fiquei surpreso ao ver que em minha volta tudo era como antes. Mesma cidade chata e pacata no Sul da Virgínia.

Começo a sentir a felicidade de estar de volta em casa subindo em minhas veias. Estava aliviado de ter finalmente voltado, peguei uma bicicleta que estava largada na praça e fui direto para a casa da minha avó...

Fui o mais rápido que pude, atravessei a cidade inteira até finalmente chegar na humilde casa amarela que eu e minha avó morávamos. Peguei a chave que ficava embaixo do vaso e abri a porta dando de cara com minha avó na cozinha. Ela estava fazendo alguns biscoitos para as suas amigas do clube do livro como sempre fazia às terças feiras. Corri para dar um abraço nela, porém percebi um comportamento estranho, ela nem falou comigo, será que não havia notado meu sumiço? Será que era a casa certa? o que estava acontecendo? Até que parei em sua frente e falei:

— Vó. que saudade da senhora!!! Como a senhora está?

Ela simplesmente se virou e continuou a fazer biscoitos. Pensei que talvez ela não tivesse ouvido então, cheguei mais próximo e falei novamente:

— Como foi seu dia Vó?

Mesmo assim, ela simplesmente passou por mim e me ignorou... Decidi então subir para o meu quarto para descansar um pouco, subi as escadas, passei pelo corredor e quando abri a porta me deparei comigo mesmo alí, na minha frente... Comecei a gritar e a tentar entender o que era tudo aquilo, ele era eu? eu era ele? Tentei então entrar no quarto e conversar com ele. Porém, ele me ignorava como minha avó. Decidi então pegar minha bicicleta e sair dali o mais rápido possível.

Muitas coisas passavam pela minha cabeça enquanto eu ia até uma lanchonete ali perto. Mas não conseguia parar de pensar em outra coisa a não ser o fato de eu ter virado um "fantasma".

Finalmente havia chegado à lanchonete, morto de fome, entrei no estabelecimento e tentei pedir um hambúrguer e umas batatas. Porém, não fui atendido, aconteceu de novo, as pessoas me ignoravam e agiam como se eu não estivesse alí. Então, entrei pelos fundos, peguei um hambúrguer e algumas batatas que estavam por ali e saí como se nada tivesse acontecido.

Parei em frente a lanchonete em um banco de madeira, comecei a devorar o lanche que nem devia estar tão bom, mas eu estava morto de fome na hora e era

apenas o que eu tinha. Lanche vai e lanche vem e a cidade começa a anoitecer, não sabia para onde ir já que ninguém conseguia me sentir. Até que chega uma garota e senta ao meu lado. Ela tinha cabelos lindos, usava umas roupas diferentes, seus olhos eram como a lua e seu sorriso trazia uma alegria contagiante. Sabia que não ia conseguir me ver ou ouvir, então não falei nada no momento. Fiquei apenas lá, observando a menina mais linda que já tinha visto na face da terra. Até que enquanto terminava o pacote de batatas a menina vira e fala:

— Posso pegar uma?

Nesse momento meu coração acelerou. Como ela estava me vendo? Será que eu não era mais um fantasma? Tentei manter a calma e enquanto entregava o pacote de batatas para ela perguntei:

— Como você consegue me ver?

A menina então começa a rir e perguntar o porquê dela não conseguir me ver. Tentei explicar para ela o que havia acontecido mas não conseguia falar nada, ficava paralisado olhando para ela. Decidimos então ir para a casa dela que não era tão longe dali. Tentei explicar o que estava acontecendo ultimamente comigo, mas ela nunca acreditava.

Seguimos caminho até finalmente chegar em uma casa de dois andares perto da escola. Ficamos um pouco ali fora e decidimos que eu entraria pelos fundos, pegaria a escada e subiria para o quarto dela. Então botamos o plano em prática, Ela entrou e abriu a janela, esse era meu sinal para montar a escada e subir para seu quarto aconchegante. Começamos a conversar e a escutar música, descobri que ela ama Vacations, minha banda favorita. Descobri também que seu nome era Sarah. Eles acabaram de se mudar para lá por causa do emprego do pai e não pretendem ficar lá por muito tempo...

Estávamos cantando e dançando até perceber uma coisa. Em sua mão direita. Peguei então a pulseira que o médico havia me dado em 2077 e chamei Sarah. Comparamos as pulseiras e eram idênticas. No começo não entendi direito o porquê delas serem iguais e nem como foi parar ali com ela. Comecei a ficar ansioso e ofegante pois estava quase adormecendo e estava com medo de ir para outro lugar diferente.

Então contei a Sarah sobre a pulseira e acho que ela finalmente começou a acreditar na minha história maluca. Ela ficou indo de um lado para o outro sem saber o que fazer. Começamos a tentar bolar um plano mas nada dava certo. Até que eu tive a brilhante idéia de tentar falar com meu eu daquela dimensão. Sarah estranhou mas aceitou ir comigo, partimos então até a humilde casa amarela...

Pegamos então as bicicletas e saímos escondidos. Andamos a cidade toda até finalmente chegarmos até a tal casa. Revisamos o nosso plano umas três vezes e depois partimos para a ação.

Entramos pelos fundos em direção ao meu quarto. Minha avó estava na sala cuidando de Mary, minha gata. Passamos adiante e chegamos à porta do meu quarto, respiramos fundo e então entramos:

— Não grita, não grita! Meu nome é Sarah e eu preciso falar com você...

Meu eu daquela dimensão ficou maluco. Quase saiu aos gritos quando viu aquela desconhecida em “nosso” quarto. Então Mary pegou o espelho da minha parede, apontou para o outro eu e disse:

— Está vendo?

De repente o outro eu toma um susto ao ver sua figura no reflexo do espelho, fica sem saber o porquê de haver dois deles ali. Naquele momento, minha cabeça começou a explodir de dor, comecei a sentir calafrios e tontura. Quanto mais ele se aproximava de mim, mais eu piorava. Ele começou a se aproximar cada vez mais do espelho, deixando minha dor cada vez maior. Nossos dedos estavam prestes a se tocar até que uma luz forte me cega e acabo desmaiando...

Acordo com o barulho irritante do alarme, me levanto e percebo algo de diferente. Finalmente havia conseguido ficar em casa. Porém, tinha que testar para saber se realmente estava em casa. Desci as escadas correndo e me deparei com minha avó fazendo nosso café da manhã. Cheguei então a minha avó e dou um forte abraço nela. Ela me abraça mais forte ainda e pergunta:

— O que foi meu neto querido?

Comecei a chorar em seu colo e percebi que estava em casa novamente. Falei para mim mesmo que nunca mais ia reclamar sobre a minha vida chata e comum na pequena cidade da Virgínia...